

A TEOLOGIA SIMBÓLICA DE SANTA TERESA DE LISIEUX

*Profa. Ms. Josefa Alves dos Santos**

Resumo

O presente artigo analisa a *scientia amoris* na vida e nos escritos de Santa Teresa de Lisieux a partir do símbolo da lira, que representa o coração humano, e o dinamismo da ação divina que é capaz transformar até uma simples criança numa grande santa. O texto parte de uma apresentação histórico-biográfica, para, em seguida, apresentar a teologia simbólica teresiana com a sua originalidade, e aprofunda as quatro dimensões do amor humano presentes na imagem da lira na sua capacidade de acolhimento e de doação de si através do amor esponsal e materno, filial e fraterno. Através da vida de Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face e da sua doutrina da *Infância Espiritual* apresenta o processo de purificação e santificação do coração humano dentro da simbologia da lira como caminho seguro e sempre atual para o seguimento de Cristo.

Palavras-chave

Espiritualidade. Santa Teresinha. Teologia. Santidade.

Abstract

This present article analyzes the *Scientia Amoris* in the life and writings of Saint Teresa of Lisieux from the symbol of the lyre, which represents the human heart, and the dynamism of the divine action which is able to transform even a mere child into a great saint. The text derives from a historical-biographical presentation, to then, present the Theresian symbolic theology with its originality and deepen the four dimensions of human love present in the image of the lyre in its capacity of receiving and giving itself through spousal and maternal, filial and fraternal love. Through the life of Saint Teresa of the Child Jesus and the Sacred Face and her doctrine of Spiritual Childhood, she presents the process of purification and sanctification of the human heart within the symbolism of the lyre as a safe and actual path to follow Christ.

Keywords

Spirituality. Santa Therese of Child Jesus. Theology. Holiness.

1 Uma introdução à vida e doutrina de S. Teresa de Lisieux

Para compreender adequadamente a grandiosidade da ação de Deus na vida de Santa Teresa de Lisieux, ou Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face como é carinhosamente chamada, é necessário situá-la no seu ambiente histórico familiar, social e eclesial.

Teresa foi a nona filha da família Martin, dos quais quatro faleceram em tenra idade e as outras cinco tornaram-se religiosas. A sua infância foi marcada por perdas e sofrimentos: aos quatro anos de idade sofre o primeiro golpe com a morte da mãe, a partir daí o seu temperamento alegre e expansivo torna-se extremamente sensível e escrupuloso. Com a morte da senhora Martin, Teresa escolhe sua irmã Paulina por mãe, mas aos dez anos de idade vê a sua “mãezinha” entrar no Carmelo. O sofrimento resultante desta frustração afetiva desenvolveu na frágil criança uma “estranha doença”, cuja cura virá por meio de duas ações extraordinárias: uma ação miraculosa da Virgem do Sorriso¹, e a graça do Natal.

Esta purificação da sensibilidade e do coração sofrido na infância durante o desenvolvimento da afetividade produz uma ferida em Teresa. Pode-se certamente falar de uma “purificação dos sentidos”. Daí, suas faculdades afetivas são orientadas para Deus, e como que já libertadas. Sente também escrúpulos de consciência que contribuem para sua purificação.²

Ler a vida dessa jovem carmelita é contemplar o processo de morte e ressurreição do pequeno grão de trigo do qual Jesus fala no Evangelho: “se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12,24). De fato, para germinar a pequena semente deve suportar a solidão, o silêncio e a umidade da terra; ali ela vai morrer, sua casca será rompida para que a potência de vida que há no seu interior possa brotar, crescer e romper a terra. Este processo é explicado pelos grandes mestres espirituais como purificação dos afetos e dos sentidos. Em Teresa é perceptível que Deus tomou a iniciativa em dar-lhe a graça da maturidade humana e espiritual. Ainda adolescente, Teresa é consciente desse toque de

¹ Teresa narra que o período em que esteve doente, embora não tenha sido privada do uso da razão, não tinha controle sobre si, estando muitas vezes em delírio ou completamente sem forças. Os recursos humanos quanto à possibilidade de seu reestabelecimento já haviam se esgotada, assim, o seu pai recorre à intercessão de Nossa Senhor das Vitórias, cuja imagem levada ao seu quarto lançou-lhe um “sorriso encantador” e todos os seus males desvaneceram.

² FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS. *Teu amor cresceu comigo*. Teresa de Lisieux: gênio espiritual, São Paulo: Paulus 1997, p. 29.

Deus que coincide com a “graça do Natal”³, e colabora ativamente para desenvolver o dom recebido. É quanto lemos nos seus escritos autobiográficos.

Nesta noite de luz, começou o terceiro período de minha vida, o mais belo de todos, o mais cheio das graças do Céu... Num instante, a obra que não pudera realizar em dez anos, Jesus a fez, contentando-se com minha boa vontade, que jamais faltou. [...] Fez de mim uma pescadora de almas; senti o grande desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores, desejo que jamais tinha sentido tão vivamente... Numa palavra, senti a caridade entrar em meu coração, a necessidade de esquecer-me para dar prazer, e desde então, fui feliz!⁴

Teresa de Lisieux viveu numa França marcada pelas consequências sociais, culturais e eclesiais da Revolução Francesa, na qual a desestabilização não era apenas política, mas também religiosa, onde predominava o jansenismo com uma espiritualidade austera, marcada por uma ascese motivada pelo medo. Trata-se da França do século XIX, um período fortemente marcado pelo processo de secularização e pelo ateísmo, onde a mística era vista com desconfiança, e mesmo “no Carmelo não se lia nem Cântico Espiritual nem a Chama Viva de Amor de São João da Cruz; tinha-se medo de ser ‘iluminado’”⁵. Paradoxalmente, é nesse ambiente que nasce a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, motivando mais o amor que a reparação, e também nesse ambiente a pequena Teresa se oferece como vítima de holocausto ao Amor misericordioso no desejo de consolar o coração de Jesus pela ingratidão dos maus. O que motiva a sua oferta de vida não é o medo da justiça divina, nem o peso dos seus pecados, pois a sua doutrina é a da confiança no amor e na misericórdia de Deus.

Depois do exílio da terra, espero ir comprazer-me de vós na Pátria, mas não quero acumular méritos para o Céu; quero trabalhar somente para o vosso Amor, com o único objetivo de vos dar prazer, consolar vosso Sagrado Coração e salvar almas que vos amarão eternamente.

No entardecer desta vida, comparecerei diante de vós com as mãos vazias, pois não vos peço, Senhor, que conteis minhas obras. Todas as nossas justiças têm manchas a vossos olhos. Quero, pois, revestir-me de vossa própria justiça e receber de vosso Amor a eterna posse de vós mesmo. Não quero nenhum outro Trono nem Coroa senão vós, ó meu Bem Amado!...

A fim de viver em um ato perfeito de Amor, ofereço-me como vítima de holocausto a vosso Amor misericordioso, suplicando-vos que me consumais

³ Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. *Obras Completas*, São Paulo: Paulus 2016, Ms A, 45r. Todas as referências aos manuscritos de Santa Teresinha serão citados conforme as siglas que identificam as obras: Manuscritos [Ms], Cartas [C], Poesias [P], Orações [O], Recreações Piedosas [RP].

⁴ Ms A, 45v.

⁵ MARIA-EUGÊNIO. *Teu amor cresceu comigo*, p. 26.

incessantemente, deixando transbordar em minha alma as ondas de infinita ternura que estão encerradas em vós e que assim eu me torne Mártir de vosso Amor, ó meu Deus!...⁶

Para o ambiente religioso da época a intuição teresiana sobre a humildade e o amor misericordioso de Deus, que se fez pequeno, pode parecer infantil, mas examinado na sua profundidade e clareza revela-se verdadeira teologia⁷ comparada a dos grandes místicos e doutores. Teresinha une perfeitamente a inteligência da fé e o conhecimento do amor que, segundo São Tomás de Aquino, são dois aspectos do conhecimento. A inteligência da fé (*intellectus fidei*) é a teologia especulativa, na qual “a fé utiliza a atividade da razão”⁸, contudo existe um conhecimento mais profundo, que é fruto da caridade e que segundo São Tomás é o dom da sabedoria⁹.

É importante lembrar que, segundo Paulo, “maior é a caridade” (1Cor 13,13), ou seja maior que a fé e que a esperança, do momento em que a fé e a esperança desaparecerão quando teremos a visão clara e a plena posse do Senhor. Somente “a caridade não terá fim” (1Cor 13,8), mas permanecerá idêntica, essencialmente a mesma no céu como sobre a terra. São Tomás insiste muito sobre a excelência da caridade, a única realidade que não muda entre a terra e o céu, a única realidade do céu já plenamente doada sobre a terra. A caridade nos torna verdadeiramente ilimitados no Amor porque, segundo as afirmações do mesmo santo, nos torna capazes de amar sempre mais, até o infinito. Não existe nenhum limite para o seu crescimento. Por meio dela podemos já nesta vida amar totalmente, imediatamente e desmedidamente este Senhor que ainda não vemos, mas no qual cremos. Poderemos dizer que a caridade é “amor absoluto” já doado nesta vida, enquanto o “saber absoluto”, é que a visão de Deus, nos será dado somente no céu.¹⁰

Na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, João Paulo II cita S. Teresa de Lisieux com o título de *perita na scientia amoris*¹¹, reconhecendo o seu testemunho eloquente de uma caridade viva, capaz de traduzir o mais belo hino paulino: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e tivesse uma fé capaz de transportar montanhas, mas faltasse a caridade, de nada nos serviria” (cf. 1Cor 13,2). Nas palavras da santa a *scientia amoris* é a

⁶ O 6.

⁷ Cf. PRÊTE, ISABELLE, *Thérèse de Lisieux. L'intelligence de l'amour*, Paris: François-Xavier de Guibert 1997, p. 38.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, São Paulo: Loyola 2016, I, q. 1. [STh].

⁹ STh II-II, q. 45, a. 2.

¹⁰ LÉTHÉL, FRANÇOIS-MARIE, *L'amore di Gesù. La cristologia di santa Teresa di Gesù Bambino*, Città del Vaticano: Editrice Vaticana 1999, p. 15.

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*, São Paulo: Paulus 2000, n. 42.

mesma ciência divina¹², experimentada e testemunhada por todos os santos, e esta missão é fundamental na vida da Igreja.

2 Interpretação teológica da infância espiritual

O *Corpus* dos escritos de Santa Teresa de Lisieux é composto por três Manuscritos autobiográficos (Ms A, B, C), pelas Cartas (C 1-266), pelas Poesias (P 1-54), pelas Orações (O 1-21) e pelas breves obras teatrais ou Recreações Pias (RP 1-8). Tais escritos apresentam-se como uma teologia narrativa que, apesar do caráter autobiográfico, contém um significado essencialmente teológico porque são um reflexo vivo do Evangelho¹³. É possível perceber nos seus escritos o testemunho da história da salvação, pela autenticidade da ação divina que toca e transforma a sua vida, unindo-a inteiramente a si. Segundo Léthél, *História de uma Alma*, traz uma afinidade com a Suma Teológica de Tomás de Aquino, porque ambas apresentam uma síntese dos grandes conteúdos da fé, e se estruturam na mesma lógica, ou seja, *Deus e o Homem em Cristo Jesus*, embora Teresa não possua uma teologia sistemática, mas intuitiva e seu objetivo não era realizar um tratado, mas o testemunho da grande obra de misericórdia de Deus na sua história. Dessa forma, Teresa de Lisieux expressa a *scientia amoris* como teologia da alma e do coração.¹⁴

A grande sabedoria de S. Teresinha foi permanecer pequena, sempre dependente do Bom Deus e cultivar uma confiança absoluta no seu amor misericordioso. Assim, no Manuscrito C, que ela escreveu alguns meses antes de sua morte, percebe-se que a *Pequena Via* encontra total apoio nas Sagradas Escrituras, e que este caminho pode ser percorrido por qualquer pessoa, sobretudo os humildes, os que se fazem como criança.

(...) quero (...) procurar o meio de ir para o céu por um caminhezinho bem reto, bem curto, uma pequena via inteiramente nova. Estamos num século de invenções. Agora, não se tem mais o trabalho de subir os degraus de uma escada: na casa dos ricos, um elevador a substitui vantajosamente. (...) Então, fui procurar nos livros Sagrados a indicação do elevador, objeto de meu desejo, e li estas palavras pronunciadas pela boca da Sabedoria Eterna: “Se alguém for pequenino, venha a mim” (Pr 9,4). Aproximei-me, pois, adivinhando que tinha descoberto aquilo que procurava. Querendo saber, oh, meu Deus, o que faríeis com o pequenino que correspondesse ao vosso apelo, continuei minhas buscas e eis o que encontrei: “Assim como uma mãe acaricia seu filhinho assim eu vos consolarei; aconchegar-vos-ei ao meu seio e acariciar-vos-ei sobre meus joelhos” (Is 66,13.12). Ah! Nunca palavras mais

¹² Cf. Ms B, 1r.

¹³ Cf. LÉTHEL. *L'amore di Gesù*, p. 27.

¹⁴ Ibidem.

doces, mais melodiosas vieram alegrar minha alma! O elevador que deve fazer-me subir até o céu são os vossos braços, Jesus! Por isso não preciso crescer; devo, pelo contrário, permanecer pequenina e tornar-me cada vez mais pequenina.¹⁵

A infância espiritual vivida e proposta por Teresinha é a máxima realização da vocação humana que é se tornar filho de Deus, pois quando “chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher (...), a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4-5), e esta é a vontade de Jesus, como expressou na oração sacerdotal: “Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste. Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles” (Jo 17,25-26). De fato, esta é a proposta antropológica cristã fundamentada no mistério da Encarnação do Filho de Deus, fazer-nos filhos no Filho, e tal vocação exige a fé, que é confiança absoluta em Deus Pai.

O tema da adoção filiação é muito importante no Novo Testamento¹⁶, contudo “não é mais uma promessa, mas uma realidade experiencial, para os crentes”¹⁷. Esta consciência filial traz consequências imediatas na vida daqueles que acolhem tal dom. Em Santa Teresinha a experiência da filiação está expressa na sua *Pequena Via*, por isso declara: “Jesus se compraz em me mostrar o único caminho que conduz a esta Fornalha divina. Este caminho é o do *abandono* da criancinha que adormece, sem temor, nos braços de seu Pai”¹⁸. E meditando em passagens das Escrituras que convidam à confiança na misericórdia de Deus, a santa não hesita em escrever:

Ah! Se todas as almas fracas e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequenina de todas, a alma de vossa Teresinha, nenhuma delas desesperaria de chegar ao cume da Montanha do Amor, já que Jesus não pede grandes ações, mas unicamente o abandono e a gratidão.¹⁹

¹⁵ Ms C, 2 v.

¹⁶ Paulo é o único a usar o termo *hyiothesia*, normalmente traduzido por “filiação” adotiva, mas que significa “aceitação como filho”, para indicar a o dom de Deus que por meio da Encarnação do Filho e do acolhimento da fé, assume os homens como filhos no Filho. Cf. Gl 4,5; Rm 15,23; 9,4; Ef 1,5.

¹⁷ MARICONI, BRUNO, La filialità divina base dell’antropologia teologica Cristiana, in: MARICONI, BRUNO (ed.), *Antropologia Cristiana*. Bibbia, teologia, cultura, Roma: Città Nuova 2001, p. 352.

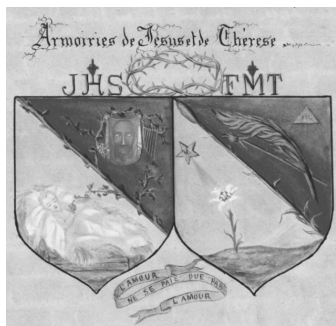
¹⁸ Ms B, 1r.

¹⁹ Ms B 1v.

3 A teologia do coração e o símbolo da lira

Nos escritos autênticos de S. Teresa de Lisieux há uma predominância cristocêntrica, e segundo Léthél, “na abissal experiência do Amor de Jesus, Teresa descobre a profundidade do cora  o de Deus como amor de misericordioso, e a profundidade e beleza do cora  o humano”²⁰, de forma que a sua experiência revela que o cora  o humano tem uma sede infinita de amor e só pode ser preenchido pelo amor infinito do cora  o divino. Assim se expressa no poema dedicado ao Sagrado Cora  o de Jesus, escrito em julho de 1895:

Preciso de um cora  o ardente de ternura,
Que permaneça sempre o meu apoio,
Que em mim ame tudo, até minha fraqueza,
[...]
Tu me escutaste, meu único amigo a quem amo!
Para raptar-me o cora  o, fazendo-te mortal,
Derramaste teu sangue! Mistério supremo!
E ainda vives por mim sobre o altar...
Se não posso ver o esplendor de tua Face,
Escutar tua voz, cheia de doçura,
Eu posso, oh, Deus meu, viver de tua graça,
Repousar sobre teu Sagrado Cora  o!²¹



Teresa usa vários símbolos que expressam a sua experiência e a profundidade da sua doutrina. No final do Ms A aparece um desenho feito por ela mesma de dois brasões nos quais encontram-se os principais símbolos teresianos²². O brasão JHS    o de Jesus, e apresenta os “dotes” que Ele, com a sua Encarn  o, Morte e Ressurrei  o, trouxe “   sua pobre pequena esposa”, no qual está presente o Menino Jesus que tem nas mãos um cacho de uvas, fruto da videira representada pelo ramo que divide o brasão, também a Sagrada Face e uma harpa. Tanto as uvas quanto a harpa representam Teresa, que deseja “se oferecer como um cachinho de uva para refrescar o Menino Jesus” e, ao mesmo tempo, “deseja cantar incessantemente, para Jesus,

²⁰ LÉTHÉL, Aspetti dell’antropologia dei santi, in: MARICONI, BRUNO. *Antropologia Cristiana*. Bibbia, teologia, cultura, Roma: Città Nuova 2001, p. 777.

²¹ O 23.

²² A explica  o do Brasão    feita pela própria santa e encontra-se em Ms A, 85v.

melodias de amor”. O brasão FMT é o de Teresa que está representada na flor branca plantada em terra verdejante, que representa a sua família. A Virgem Maria é representada pela estrela que ilumina a pequena flor, e o Carmelo é a montanha. O brasão é dividido por um caníço que representa a sua fraqueza, logo acima tem uma palma, símbolo do martírio e o triângulo que representa a Trindade. Toda a simbologia dos brasões pode ser interpretada a partir da vida e dos escritos autênticos de Teresa, estes são uma síntese da sua teologia.

Do ponto de vista antropológico, os símbolos principais são a flor e a harpa. As primeiras páginas do Ms A, têm um grande valor teológico e eclesiológico ao descrever a ação divina que, ao criar os mais diversos tipos de flores – símbolo da humanidade com sua beleza e fragilidade – ocupa-se tanto das rosas e dos lírios, quanto das frágeis e simples flores campestres, como se fossem únicas. Para Léthél o símbolo da flor em Teresa aproxima-se em significado à teologia simbólica de S. Francisco e de Santa Catarina de Sena: “A Francisco com o aspecto da pequenez que corresponde exatamente à pobreza, a Catarina com o aspecto da corporeidade”²³.

O símbolo da lira representa o coração humano que, tendo sido criado para amar e ser amado tem suas cordas desafinadas por causa do pecado, impedindo a lira de soar uma harmoniosa melodia; é necessário, portanto, a ação do Espírito Santo para afinar as cordas do coração, e esse processo coincide com o caminho para a santidade. Na lira de Santa Teresa de Lisieux existem quatro cordas principais, que são as cordas mais vibrantes do coração feminino, e representam quatro dimensões do amor.

Aqui, a doutrina de Teresa é essencialmente o seu próprio testemunho de mulher plenamente realizada no amor, realizada na sua humanidade, na sua feminilidade. A carmelita faz resplandecer uma profunda verdade antropológica: cada mulher tem um coração de esposa e de mãe, de filha e de irmã, como cada homem tem um coração de esposo de pai, de filho e de irmão.²⁴

Léthél explica que para Teresa a realização de cada ser humano está em amar com todo o coração, realizando todas as dimensões do amor no concreto da própria vida.²⁵ O essencial será sempre amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças, com todo o entendimento, e amar o próximo como a si mesmo (cf. Lc 10,25s), e esse amor implica todas as dimensões do humano, não apenas os seus afetos e sentimentos, mas corpo, inteligência e vontade. Trata-se de um amor concreto, encarnado nas exigências particulares da vida de cada um. Assim compreende-se a grandeza da Infância Espiritual,

²³ LÉTHÉL. *Aspetti dell'antropologia dei santi*, p. 778.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

que realiza cada pequeno ato de sacrifício de si na ótica da Caridade. Com tal simbologia Teresa abre novos horizontes de santidade aos pequenos e fracos, porque a santidade é para todos e não significa fazer grandes coisas, mas perseverar na caridade segundo o chamado específico de cada um. Portanto “a medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a Sua”²⁶.

Todo instrumento de corda tem uma corda principal a partir da qual se afinam as demais, assim também ocorre com o coração humano. Em Teresa a corda dominante é aquela esponsal, intrinsecamente ligada à corda materna, pois a maternidade é fruto da esponsalidade; na sequência a corda filial que se expressa, sobretudo, no símbolo da infância espiritual e a última, mas não menos importante, que é a corda fraterna.

3.1. O amor esponsal e materno em S. Teresinha

Esponsalidade e maternidade são dois temas muito presentes na sua autobiografia, nas Cartas e nos Poemas. Teresa compreende que somente aquele que ela escolheu como Esposo pode tocar as cordas mais íntimas da sua alma, as várias referências ao Cântico dos Cânticos em seus escritos é uma prova desse amor apaixonado, de uma vida que não tem outro sentido senão “amar Jesus e fazê-lo amar”²⁷.

Teresa de Lisieux é uma mulher que ama o seu Divino Esposo com amor profundo, concreto. “Nela, como em todos os místicos, este amor esponsal inclui e transfigura toda a realidade do *eros* como desejo apaixonado pela Beleza do Amado. É *eros* virginal, divino e humano”²⁸; esse amor puro revela que não existe contraposição entre *eros* e *ágape* mas unidade no amor que se realiza no dom total de si, e é esta a chave interpretativa da maternidade virginal, da qual falaremos mais adiante.

Em Teresa de Jesus e em João da Cruz a meta da santidade é expressa como “matrimônio espiritual”, para Teresinha tal realidade acontece já na consagração definitiva no celibato, quando ela se torna esposa de Cristo. Esta é a sua experiência, sua convicção e seu ensinamento, presente nos seus escritos, como na carta destinada ao seminarista Bellière, seu irmão espiritual, na qual

²⁶ BENTO XI. Audiência geral. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110413.html. Acesso em: 01/08/2019.

²⁷ C 220.

²⁸ LÉHÉL. *Aspetti dell'antropologia dei santi*, p. 779.

lhe escreve que a sua alma é *noiva* do Cordeiro Divino e que se tornará sua *esposa* no dia da sua ordenação diaconal²⁹.

Na carta escrita a sua irmã Celina, após a sua profissão, Teresa descreve o dinamismo do amor esponsal a Jesus: “Penso que o coração de meu Esposo é só meu, assim como o meu é só dele”³⁰. Ou seja, o amor esponsal que ela experimenta é a *mutua inhaesio amantium*³¹, vivida como dom e posse entre o Esposo e a Esposa.

O amor esponsal em S. Teresinha tem características de amor *diligente*, “uma vez que o amor se prova pelas obras”³²; é *amor generoso*, pois não queria “ser santa pela metade”³³, e realizava todos os sacrifícios como sinal do seu amor a Jesus; é ainda *amor desinteressado*, por isso, mesmo não tendo nenhuma consolação, ama “não como amam as noivas da terra que sempre olham para as mãos de seus noivos, a fim de ver se lhes traz algum presente ou, então, para o seu rosto, a fim de aí descobrirem um sorriso de amor que as possa encantar”³⁴; sobretudo, é *amor exclusivo*, porque sabe que toda a felicidade da terra não basta para saciar a sede do seu coração. A *infância espiritual*, portanto, é a expressão concreta de uma alma enamorada, que deseja amar Jesus como ele nunca foi amado e fazer em tudo a sua vontade³⁵.

Numa análise sobre as características do amor esponsal e o seu significado fundamental, o estudioso da vida consagrada, Amedeo Cencini, explica que a sua *substância* é o próprio amor, nasce da experiência e conduz à doação de si, que ultrapassa o subjetivismo ou as exigências culturais. Tal forma de amor tem por *objeto* o próprio Deus, e este amor se expande de forma concêntrica a “todas as criaturas, em particular os destinatários do apostolado específico de cada carisma”. A *modalidade* do amor esponsal só pode ser a totalidade, ou seja, é verdadeira capacidade de “amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e entendimento, e o próximo como a si mesmo” (Lc 10,27), porque se trata de “um amor pleno, pelo objeto amado e pela modalidade amante, totalmente humano e divino. Porém, a *condição fundamental* é a renúncia de laços humanos definitivos, sem

²⁹ Cf. C 220.

³⁰ C 102.

³¹ STh I-II q 28 a 2.

³² Ms B, 4r.

³³ Ms A, 10r.

³⁴ C 115.

³⁵ Cf. C 74.

contudo excluir ninguém da sua oferta de vida, porque “deve viver muitas relações, mas com um estilo particular”.³⁶

Um dos poemas mais conhecido de S. Teresa de Lisieux traduz todas essas características fundamentais da corda esponsal:

Viver de Amor é dar-se sem medidas,
Sem reclamar salário sobre esta terra.
Ah! Sem contar, eu dou bem convencida
Que quando se ama, não se calcula!
Ao coração divino, transbordante de ternura
Eu tudo dei... Corro ligeira,
Nada mais tenho que essa única riqueza:
Viver de Amor.
[...]
Viver de Amor é navegar sem cessar
Semeando a paz e a alegria em todos os corações.
Amado Timoneiro, a Caridade me impele,
Pois te vejo nas almas, minhas irmãs,
A Caridade: eis minha única estrela;
À sua luz, navego sem me desviar.
Tenha minha divisa escrita sobre minha vela:
“Viver de Amor”.³⁷

O amor esponsal será sempre fonte de maternidade, porque a relação com Jesus Esposo gera fecundidade espiritual, por isso, assim a santa define a sua vocação: “Ser tua esposa, oh Jesus; ser Carmelita; ser, por minha união contigo, mãe das almas”³⁸. No seu coração a corda da maternidade “vibrou antes da sua entrada no Carmelo”³⁹, com a idade de 14 anos, como uma consequência da “graça de Natal”, e foi esta experiência fundamental que deu sentido a toda a sua existência.

Nesta noite de luz, começou o terceiro período de minha vida, o mais belo de todos [...]. Um domingo, contemplando uma estampa de Nosso Senhor na Cruz, fiquei impressionada com o sangue que corria de uma de suas mãos divinas [...], e resolvi conservar-me em espírito aos pés da Cruz para recolher o divino orvalho que dela corre, compreendendo que deveria, depois, derramá-lo sobre as almas... O grito de Jesus na Cruz ressoava também continuamente em meu coração: “Tenho sede”. Estas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo [...].

³⁶ Cf. CENCINI, AMEDEO. *Verginità e Celibato Oggi*. Per una sessualità Pasquale, Bologna: EDB 2005, p. 18-21.

³⁷ P 17.

³⁸ Ms B, 2v.

³⁹ LÉTHÉL. *Aspetti dell'antropologia dei santi*, p. 781.

Ouvi falar de um grande criminoso que acabava de ser condenado à morte por crimes horríveis; tudo levava a crer que morreria na impenitência. Quis a todo custo, impedir que caísse no Inferno; a fim de consegui-lo, empreguei todos os meios imagináveis.

[...], disse ao Bom Deus que estava certa de que ele perdoaria ao pobre e infeliz Pranzini; que eu o cria, mesmo se ele não se confessasse e não desse nenhuma prova de arrependimento, tamanha era minha confiança na Misericórdia infinita de Jesus. [...]. No dia seguinte ao de sua execução, tomo em mãos o jornal: “La Croix”, abro-o ansiosamente, e que vejo? [...]. Pranzini não se confessara; subira ao cadafalso e estava prestes a passar sua cabeça no lúgubre buraco quando, tomado por subida inspiração, volta-se de repente, toma o crucifixo que lhe apresentava o sacerdote e beija, por três vezes.⁴⁰

No final da narração ela chama Pranzini de “meu primeiro filho” e se torna, de fato, mãe espiritual. A experiência de Teresa revela o processo de purificação do coração e purificação dos sentidos por meio do amor, que se torna límpido como um espelho que reflete a verdadeira imagem, e leva a alma a assemelhar-se ao seu Senhor, ou seja, Teresa tem as cordas do coração afinadas pelo Espírito Santo.

Num processo natural de desenvolvimento humano, a mulher alcança a maturidade quando se torna mãe, porque vive o constante doar-se até o fim, num chamado constante de dar a vida por amor a outrem; na vida de Santa Teresinha do Menino Jesus, quando essa corda é afinada, ela deixa de ser o centro das atenções, sai da postura infantil com exigências excessivas de amor e cuidado e toma a dianteira em ser instrumento de Deus pela salvação dos pecadores. Compreende-se, assim, que sponsalidade e maternidade espirituais não tem relação alguma com sentimentalismo ou sensualismo, mas é fruto da união com Deus numa relação verdadeira e madura, que passa por purificações e conduz ao dom total de si.

3.2. As cordas filial e fraterna

Em S. Teresa de Lisieux, a corda filial está expressa sobretudo na doutrina da *Infância Espiritual* que traduz a confiança necessária para entrar no Reino dos Céus, pois “quem não se fizer pequeno como uma criança nele não entrará” (Lc 18,17), e para compreender esta dimensão do amor filial é necessário contemplar Jesus⁴¹ na sua relação com o Pai.

⁴⁰ Ms A 45-46.

⁴¹ LÉTHÉL. *L'amore di Gesù*, p. 82.

A confiança filial é traduzida no abandono e na obediência, que não depende de circunstâncias, mas da estabilidade e certeza do amor do Pai. Esta era a característica de Jesus, que mesmo sendo Deus, despojou-se e fez-se obediente até a morte (cf. Fl 2, 6-8). Tal sentimento filial fundamenta a fé de Santa Teresinha, fortalecendo-a mesmo na prova da aridez.

Considero-me como um fraco passarinho coberto apenas de uma leve penugem. Não sou águia; dela tenho simplesmente os olhos e o coração, pois apesar de minha pequenez extrema, ousou fixar o Sol divino, o Sol do Amor, e meu coração sente em si todas as aspirações de águia... O que fazer? Morrer de tristeza, vendo-me tão impotente?... Oh não! O passarinho nem sequer vai se afligir. Com um audacioso abandono, quer continuar fixando seu divino Sol. Nada seria capaz de o assustar; nem o vento, nem a chuva, e se sombrias nuvens vêm escurecer o Astro do Amor, o passarinho não mudará de lugar. Sabe que para além das nuvens, seu Sol brilha sempre e que seu esplendor não poderia eclipsar-se um só instante.⁴²

A *Infância Espiritual* em Santa Teresinha, conforme explica Frei Maria-Eugênio, é um caminho de ascese, que só pode ser percorrido com humildade e confiança filial, para compreendê-la “é preciso examinar nos detalhes suas menores ações, observar suas reações espontâneas que brotam do fundo e escutar suas respostas às questões que lhe são propostas”⁴³. Por exemplo, a uma noviça que lhe pergunta como conciliar pequenez e firmeza, ela responde:

É preciso fazer tudo o que está em seu poder, dar sem medida, renunciar-se constantemente, numa palavra, provar seu amor, por todas as obras a seu alcance. Mas na verdade, como tudo isso é pouca coisa... e quando tivermos feito tudo quanto cremos dever fazer, é necessário confessar que somos “servos inúteis” (Lc 17,10), esperando, entretanto, que Deus nos dê de graça tudo o que desejamos”⁴⁴

Outra característica desta corda filial é a eliminação do extraordinário e a fidelidade aos deveres de estado e de caridade, ou seja, é viver o ordinário de forma extraordinária. A consciência da filiação abre ao amor e ao serviço ao próximo, porque enquanto o amor esponsal é exclusivo, tendo por objeto uma única pessoa: Jesus, o amor filial e o amor fraterno se estendem a todos, e a caridade, sendo o único amor de Deus e do homem em Jesus, torna inseparável a relação com Deus do amor ao próximo, porque como afirma o Apóstolo, “quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20).

⁴² Ms B, 4v-5r.

⁴³ MARIA-EUGÊNIO. *Quero ver a Deus*, Petrópolis: Editora Vozes 2015, p.1100.

⁴⁴ Conselhos e Lembranças, São Paulo: Paulos 2006, p. 51.

Uma característica específica da corda fraterna é que esta traduz o Evangelho porque leva a amar o Senhor no sacramento do próximo, onde Ele se faz visível. É no final da sua vida que Teresa compreende melhor o que seja a verdadeira caridade, porque antes, declara, a compreendia de forma imperfeita⁴⁵. E como o amor não pode resumir-se a palavras e sentimentos, porque não são os que dizem: Senhor, Senhor que entrarão no reino dos Céus, mas os que fazem a vontade do Pai que está nos Céus (Cf. Mt 7,21), ela busca interpretar qual seja a vontade de Deus a cada instante e corresponder-lhe prontamente.

Meditando estas palavras de Jesus, compreendi quanto era imperfeito meu amor por minhas irmãs; vi que não as amava como o Bom Deus as amas. Ah! Compreendo, agora, que a caridade consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se admirar de suas fraquezas, em se edificar com os mínimos atos de virtude que se vê praticar. Mas, sobretudo, compreendi que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração: Ninguém – disse Jesus – acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim, sobre o candelabro, a fim de que ilumine todos os que estão na casa. Parece-me que esta candeia representa a caridade que deve iluminar, alegrar, não somente os que são mais caros, mas todos os que estão não casa, sem excetuar ninguém.⁴⁶

A corda fraterna vibra intensamente sobretudo no final da sua vida, ressoando melodias de unidade, pois vive o dom de si não somente para com as suas irmãs do convento, não somente para com os seus irmãos espirituais, mas para com todos. Mesmo na grande prova da fé, quando sua alma foi invadida por nuvens densas e sente-se ferida pelo ateísmo do seu tempo, embora não cometendo pecados contra a fé sente que as trevas invadem a sua alma⁴⁷. Até o pensamento do céu, antes doce para ela, tornou-se um motivo de luta e de tormento⁴⁸, por isso dirá que as trevas, servindo-se da voz dos pecadores que são os ateus do mundo moderno, lhe desafiam: “Sonhas com a posse eterna do Criador [...], pensas sair um dia dos nevoeiros que te cercam... Avante! Avante! Alegra-te com a morte que haverá de te dar, não o que esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada”⁴⁹. Ela senta-se na mesa dos pecadores não para nela se sujar, mas na esperança de ser instrumento do amor que purifica até as trevas mais profundas, por isso aceita “comer sozinha o pão da provação”⁵⁰.

⁴⁵ Cf. Ms C, 11v.

⁴⁶ Ms C, 12r.

⁴⁷ Cf. Ms C, 6v-7r.

⁴⁸ Cf. Ms C, 5v.

⁴⁹ Ms C, 6v.

⁵⁰ Mc C, 6r.

Para a santa, como para Maria aos pés da cruz, a kenosis da fé significa a fé mais provada e mais heroicamente fiel”⁵¹, porque resiste às inconstâncias dos sentidos e, mesmo sem o gosto das consolações Teresa é constante nas boas obras. Por conhecer a própria fraqueza, ela apoia-se na certeza de que é Jesus que ama através dela, assim a caridade lançou raízes profundas na sua alma e, apesar da doença, não perdia a mínima ocasião de tornar concreto o amor a Deus e ao próximo.

Conclusão

O que pode haver de extraordinário na vida de uma jovem freira que entrou no Carmelo aos quinze anos de idade e morreu aos vinte e quatro anos? O que pode explicar a atração que o seu testemunho exerce ainda hoje, suscitando vocações e iluminando a Igreja? Após refletir sobre a sua teologia simbólica, podemos responder que é a autenticidade da sua vida e que a *pequena via* é, portanto, escola de amor autêntico e revela que a ciência dos santos é feita de confiança e amor na misericórdia de Deus.

A simbologia das cordas da lira, que representa o coração humano, é a realização do preceito evangélico que declara que é necessário fazer-se como uma criança para entrar no Reino dos Céus (cf. Lc 18,17). Teresa de Lisieux indica um caminho seguro, aquele do Evangelho, que é um convite ao abandono filial, possível somente para quem experimenta da segurança do amor do Pai, que é maior do que a fraqueza e a pequenez humana. Este caminho desperta a corda do amor fraterno pela consciência de que somos filhos do mesmo Pai, assim o mandamento do amor se torna uma exigência interior, capaz de transformar um coração indiferente em um coração de bom samaritano. Filiação e fraternidade são, conforme vimos, consequências de uma relação exclusiva de sponsalidade que gera maternidade espiritual.

O coração de todo homem e de toda mulher possui essas quatro cordas; é o Espírito Santo que realiza a sua afinação, mas a colaboração humana é necessária e se dá através de uma vida permeada pela escuta da Palavra, pelo serviço generoso ao próximo, pelo amor à verdade e o cultivo do bem.

⁵¹ LÉTHÉL. *L'amore di Gesù*, p. 187.

Referências Bibliográficas

AMEDEO CENCINI. **Verginità e Celibato Oggi**. Per una sessualità Pasquale, Bologna: EDB 2005.

BENTO XI. Audiência geral. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110413.html. Acesso em 01/08/2019.

BRUNO MARICONI. La filialità divina base dell'antropologia teologica cristiana, *in*: MARICONI, BRUNO (ed.), **Antropologia Cristiana**. Bibbia, teologia, cultura, Roma: Città Nuova 2001, p. 335-372.

FRANÇOIS-MARIE LÉTHÉL. **L'amore di Gesù**. La cristologia di santa Teresa di Gesù Bambino, Città del Vaticano: Editrice Vaticana 1999.

_____. Aspetti dell'antropologia dei santi, *in*: MARICONI, BRUNO (ed.), **Antropologia Cristiana**. Bibbia, teologia, cultura, Roma: Città Nuova 2001, p. 761-782.

FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, OCD. **Quero ver a Deus**. S. Paulo: Vozes, 2015.

_____. **Teu amor cresceu comigo**. Teresa de Lisieux: gênio espiritual. São Paulo: Paulus, 1997.

ISABELLE PRÊTE, **Thérèse de Lisieux**. L'intelligence de l'amour, Paris: François-Xavier de Guibert 1997.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**, São Paulo: Paulus 2001.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2006.

TERESA DE LISIEUX. **Obras Completas**, São Paulo, 2ª edição, Paulus 2016.

_____. **Conselhos e Lembranças**. São Paulo: Paulus, 2006.

**Profª. Ms. Josefa Alves dos Santos*

Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro.

Coordenadora científica do Instituto Parresia.

Aquiraz / CE- Brasil

E-mail: shjosefa@gmail.com